

ARTE COMO EXPERIÊNCIA DE DEWEY: SEMINÁRIOS NÃO CONVENCIONAIS

DEWEY'S ART AS EXPERIENCE: UNCONVENTIONAL SEMINARS

*Angélica Spadari*¹ – UNESP
*Érika Castro Moraes*² – UNESP
*Kiani Salazar Kawano*³ – UNESP
*Manassés Vieira de Moura*⁴ – UNESP
*Renato Neves Papa*⁵ – UNESP

Resumo

As atividades cotidianas desencadeiam experiências e sentimentos capazes de ressaltar a sensibilidade e aprendizagem, se pensada num plano pedagógico, além de resultar em manifestações artísticas. Nesse sentido, temos o filósofo e pedagogo John Dewey e sua obra *Arte como Experiência* (2010), percebendo a experiência como potencializadora de compreensão e reflexão. Assim, o presente trabalho estudou a relação de arte e vida, da arte enquanto produto e obra, das reflexões e experiências estéticas no campo da mediação e, também, de críticas do autor e sobre o autor. A revisão bibliográfica foi baseada em sua obra, resultando em um jogo como material didático para a apresentação de um seminário sobre Dewey e seu livro, com propósito de colocar em prática a união da arte e da experiência e gerar um aprendizado.

Palavras-chave: arte; experiência; arte-educação; material didático.

Abstract

Everyday activities trigger experiences and feelings capable of highlighting sensitivity and learning, if thought of on a pedagogical level, besides to resulting in artistic manifestations. In this sense, we have the philosopher and pedagogue John Dewey and his work *Art as Experience* (2010), perceiving the experience as enhancing understanding and reflection. Thus, the present work studied the relationship between art and life, art as a product and work, aesthetic reflections and experiences in the field of mediation and, also, criticism of the author and about the author. The bibliographical review was based on his work, resulting in a game as courseware for the presentation of a seminar about Dewey and his book, with the purpose of putting into practice the union of art and experience and generating learning.

Keywords: art; experience; art education; courseware.

¹ Discente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, cursando o 7º semestre de Licenciatura em Artes Visuais, Bauru-SP. <http://lattes.cnpq.br/2393513484309169>.

² Discente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, cursando o 7º semestre de Licenciatura em Artes Visuais, Bauru-SP. <http://lattes.cnpq.br/0990014088892024>

³ Discente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, cursando o 7º semestre de Licenciatura em Artes Visuais, Bauru-SP.

⁴ Discente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, cursando o 7º semestre de Licenciatura em Artes Visuais, Bauru-SP. <http://lattes.cnpq.br/3995941500787148>.

⁵ Discente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, cursando o 7º semestre de Licenciatura em Artes Visuais, Bauru-SP. <http://lattes.cnpq.br/8832030074611892>.

Relato de experiência arte educativa

- **Referencial teórico**

John Dewey publica seu livro *Arte como Experiência* em 1934, em um momento com diversos questionamentos no campo da filosofia da arte. Como Haubert (2021) relembra, durante o último século ocorreram reflexões estéticas e de filosofias da arte que buscavam compreender as produções artísticas e suas reflexões.

Tem-se, então, o pano de fundo durante a escrita do livro. Tais reflexões iniciam o desenvolvimento de uma teoria que questionasse os dualismos que opõe o sujeito e o mundo (Haubert, 2021). Logo, essa separação é uma das preocupações do autor, uma vez que isola o indivíduo da realidade, principalmente se pensar no campo educacional, atrapalhando o desenvolvimento do pensamento que deve ser feito nas escolas, optando por não mais separar prática e teoria, e sim ensinar através dessa prática, por experiências (Balancieri e Andrade, 2023).

Dewey estava convencido de que diversos problemas educacionais estão relacionados à forma tradicional que se fundamentavam os métodos e ações pedagógicas. Assim, tendo em vista que o pensamento é um instrumento destinado a resolver problemas da experiência e o conhecimento seria a acumulação de saberes que geram a resolução dessas problemáticas, temos a pedagogia deweyana (Balancieri e Andrade, 2023).

Essa filosofia educacional entende que o estudante é um ser ativo, com seus respectivos interesses, impulsos, necessidades, dificuldades e sentimentos, sendo papel da escola identificar essas características. A escola, na filosofia de Dewey, não deve moldar a criança, e sim orientá-la, não sendo confundida como um lugar em que se prepara para um futuro hipotético. Segundo tal abordagem, há uma ligação entre sociedade, vida e aprendizagem, que ocorre a todo momento e é indissociável.

Para o desenvolvimento do seminário sobre o livro para a disciplina Mediação Cultural e Educativa foi de muita importância tratar o conceito de experiência com a classe, trazendo o ponto central do livro de uma maneira didática e com uma compreensão completa. Isso possibilitou que a turma buscasse em suas memórias experiências concretas que exemplificassem o conceito apresentado pelo autor de

maneira mais direta. Assim, a partir do diálogo e relações criadas pelos próprios colegas de classe, é possível formar uma experiência.

Quando Dewey (2010) aborda a Arte como Experiência, devemos compreender de onde vem este conceito, e como ele se adequa na vida do ser humano. Para isso, devemos compreender as relações entre a psique humana e o mundo que a cerca. A experiência existe nas interações significativas que reverberam a existência do ser humano, sejam estas positivas, negativas, prazerosas ou dolorosas, possibilitando ligações entre experiências passadas, com futuros acontecimentos e novas conexões a serem criadas, como comentado pelo autor:

É a simples ignorância, portanto, que leva a supor que a ligação da arte e da percepção estética com a experiência significa uma diminuição de sua importância e dignidade. A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com O mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos. Em vez de significar a rendição aos caprichos e à desordem, proporciona nossa única demonstração de uma estabilidade que não equivale à estagnação, mas é rítmica e evolutiva. Por ser a realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas, a experiência é a arte em estado germinal. Mesmo em suas formas rudimentares, contém a promessa da percepção prazerosa que é a experiência estética (Dewey, 2010, p.83–84).

Outro enfoque da teoria da experiência deweyana que trouxemos para o seminário foi a defesa da produção artística em sua relação direta com a vida, procurando reconectar a arte com o cotidiano. Segundo o pedagogo, essa separação envolve direta influência da história da humanidade, marcada pela compartimentalização e institucionalização dos conhecimentos. Por consequência, a ligação entre os produtos da arte e a experiência estética passam a ter seus valores questionados quando associados às coisas simples da vida. (Dewey, 2010, p. 85).

Dewey contesta esse pensamento fragmentário e ressalta que as manifestações artísticas são frutos de uma produção cultural ligada intrinsecamente aos processos da vida. A abordagem pontua que, nos primórdios da humanidade, os produtos culturais se davam muitas vezes como aprimorações no processo de vida cotidiana (Dewey, 2010, p. 64). Desse modo, sua teoria enfatiza que o fazer artístico abarca fatores relacionados no plano da sensibilidade, emoção, necessidade e a ação

por resultados, sendo esses de ordem natural do ser humano e seu processo de trabalho. O filósofo ressalta que os impulsos para o processo estético têm suas raízes em atividades cotidianas e nas possíveis emoções e experiências desencadeadas pelas mesmas (Dewey, 2010, p. 92–93).

Quando se fala sobre arte, Dewey acredita que o produto difere da obra de arte, outro ponto trabalhado na apresentação. Ao apontar para o produto, se fala sobre a matéria, sobre a escultura, a pintura, sobre o produto final em si. O filósofo ainda realiza analogias sobre como a arte se assemelha à linguagem falada. O artista é quem quer se comunicar, o produto de arte é a fala, a informação a ser passada e, para que essa equação se complete, é necessário um ouvinte. Pensar dessa forma é entender que o produto de arte só alcança a condição de obra de arte ao se relacionar com um terceiro integrante. Nesse sentido, Dewey (2010) reflete:

Insinua-se repetidas vezes que existe uma diferença entre o produto artístico (estátua, quadro, ou seja lá o que for) e a obra de arte. O primeiro é físico e potencial; a segunda é ativa e calcada na experiência. É aquilo que o produto faz, é seu funcionamento. [...] Quando a estrutura do objeto é tal que sua força interage alegremente (mas não com facilidade) com as energias provenientes da experiência em si, quando suas afinidades e antagonismos recíprocos trabalham juntos, acarretando uma substância que se desenvolve de forma cumulativa e certa (mas não muito sistemática) rumo a uma realização de impulsos e tensões, então surge realmente uma obra de arte. (Dewey, 2010, p.301).

A relação construída com o produto de arte se demonstra mais interessante que o próprio produto em si, logo, a obra só passa a existir a partir dessa experiência vivida pelo espectador. A materialidade não deve ser o único fator artístico importante, mas o processo e a experiência dos espectadores com a arte também se demonstram importantes para Dewey. Além da arte atingir o lugar de “obra”, ela também pode se tornar “clássica”.

Quando isso acontece, o objeto artístico se isola das condições em que foi criado e das experiências reais da vida. Com o academicismo, isso acaba sendo normalizado e sendo familiarizado como “Belas-artes”. É a partir disso que as pessoas passam a não mais se entender como consumidoras assíduas de arte, pois, para elas, arte é o clássico, são as “Belas-Artes”, é o que está nos museus e nas galerias, e não mais o que se é feito no cotidiano.

- **Aplicação na sala de aula**

Portanto, a partir do pensamento de Dewey, pode-se desenvolver um seminário não convencional sobre o livro *Arte como Experiência*, na disciplina Mediação Cultural e Educativa, ministrado pela professora Tarcila Lima da Costa, para a turma de Licenciatura em Artes Visuais, que será discorrido a seguir:

Planejou-se um jogo como material didático, com a finalidade de tornar o seminário em uma dinâmica que envolvesse a percepção dos estudantes de Artes Visuais sobre as temáticas trabalhadas por Dewey, através de perguntas geradoras. A proposta fundamentou-se na gamificação e na aprendizagem baseada em problemas, visando uma quebra do ensino tradicional e um foco no desenvolvimento da capacidade de refletir e analisar criticamente, a partir de questionamentos que possibilitasse a compreensão do conteúdo.

Fig 1 – Origami da Sorte e cartas.



Fonte: acervo dos pesquisadores.

Para a produção do jogo, realizou-se um “origami da sorte”, um tipo de dobradura, aqui usada nas dimensões de 14,9x14,9x10,5cm, e feita em papel A3. Tal dispositivo consiste numa pirâmide, que, com uma abertura no meio, se separa em quatro faces.

Cada uma dessas faces possui duas faces internas, coloridas de uma cor distinta cada. É possível puxar essas faces para cima, demonstrando então uma nova face, dependendo da cor escolhida pela pessoa que está jogando. A partir dessa escolha, há a indicação de um número, dando sequência para a segunda parte do jogo - das perguntas norteadoras.

Fig 2 e 3 – parte interna do Origami da Sorte.

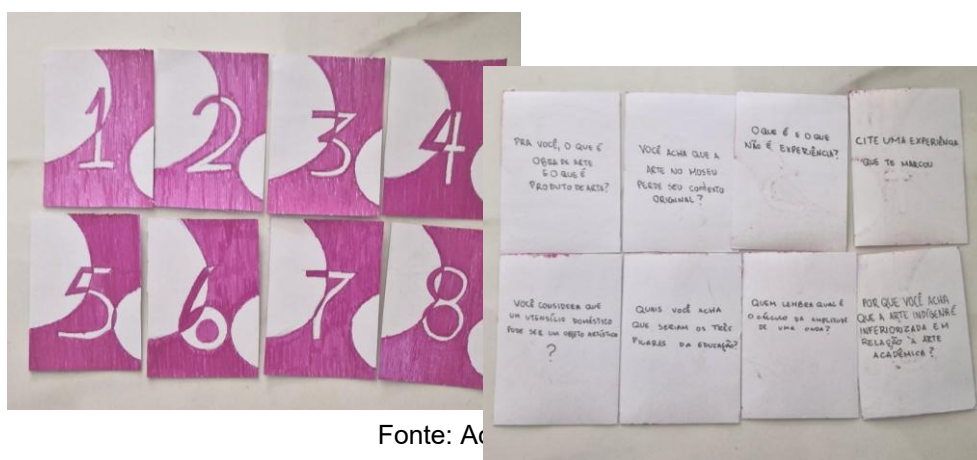


Fonte: acervo dos pesquisadores.

Foram confeccionadas, além do origami, oito cartas numeradas com perguntas geradoras. As perguntas não possuíam uma resposta “correta” ou “errada”, mas buscavam ser subjetivas e reflexivas, incentivando os estudantes a responderem e desenvolverem debates a partir delas.

As questões trabalhadas foram as seguintes: Cite uma experiência que te marcou; O que é e o que não é experiência?; Quem lembra qual é o cálculo da amplitude de uma onda?; Quais você acha que seriam os três pilares da educação?; Para você, o que é obra de arte e o que é produto de arte?; Você acha que a arte no museu perde seu contexto original?; Você considera que um utensílio doméstico pode ser um objeto artístico?; Por que você acha que a arte indígena é inferiorizada em relação à arte acadêmica?.

Fig 4 e 5 – Cartas, face externa.



Fonte: Ac

Na noite do dia 10 de maio de 2024, foi realizada, então, a aplicação da proposta. Foi estendida uma colcha para a apresentação ser realizada em formato de roda de conversa, com pontos principais no centro para elucidar a apresentação em formato de mapa mental. Para abrir o seminário, foi feita a pergunta inicial “O que é arte?” a fim de introduzir o tema aos estudantes. Depois, seguiu-se com o jogo, passando a dobradura e suas cartas aos aprendentes. Tal dinâmica não só foi um elemento muito interessante para gerar o interesse, como guiou toda a conversa durante a aula, permitindo que os educandos fossem refletindo e verbalizando sobre o que pensavam acerca das questões postas.

Fig 6 – apresentação



Fig 7 e 8 – Roda de conversa



Fonte: Acervo dos pesquisadores.

Além das respostas dos estudantes, os responsáveis pela apresentação iam posteriormente contextualizando o pensamento de Dewey, enriquecendo o debate ali

estabelecido. O uso do origami permitiu que o seminário saísse do campo linear - onde geralmente os integrantes apresentam um de cada vez - abandonando novamente o tradicional e convencional. Foi possível, assim, demonstrar as reflexões do filósofo partindo de uma conversa que se conectava em todos os pontos, independente da ordem das perguntas.

Por fim, houve também alguns encorajamentos acerca de refletir sobre as diferentes formas de pensar a educação, visto que todos ali presentes serão futuros professores de arte.

Considerações finais

A elaboração do material didático enquanto jogo se mostrou um potencializador para a prática docente, principalmente pelo seu fator dinâmico e integrador, proporcionando uma grande participação dos estudantes. Isso permite que passem de ouvintes para participantes, gerando uma aprendizagem mais efetiva e mais trocas entre docente e discente. Pensar na experiência como ponto de partida para a realização de uma roda de conversa sobre os conceitos desenvolvidos por John Dewey se mostrou uma maneira eficaz de elucidar o conteúdo do livro.

Portanto, a utilização do livro “Arte como Experiência” de John Dewey é de suma importância para a formação de educadores e mediadores. A obra possibilita novas abordagens para a mediação e um olhar ativo por parte do mediador-educador para desenvolver dinâmicas enriquecedoras entre a obra e o repertório pessoal do público, sejam estes os visitantes de exposições ou estudantes.

Referências

BALANCIERI, S. C. N. F; ANDRADE, E. N. F. **Arte e experiência estética em John Dewey**. In: V Congresso de Educação do CPAN, 14., 2023, on-line. Anais eletrônicos [...] Corumbá: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2023.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo; Martins Fontes Editora. 2010.

HAUBERT, Laura Elizia. **Notas sobre uma filosofia da arte em John Dewey: a arte como modelo de experiências**. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 7 n. 2, 2021.